

**SOBRE A FILOSOFIA HISTÓRICA EM FRIEDRICH  
NIETZSCHE:  
Da química das representações e sentimentos à estima das  
verdades despretensiosas**

André Diogo Santos da Silva<sup>1</sup>  
Ellen Caroline Vieira de Paiva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A filosofia histórica surge em “*Humano, Demasiado Humano*” (Friedrich Nietzsche), como outra resposta à questão: como uma coisa pode surgir de seu oposto? Para a filosofia metafísica, a origem das coisas é miraculosa: o que se deve buscar é a coisa em si. A filosofia histórica afirma que a coisa em si não é dada e que não se precisa do milagre metafísico, pois não há opostos. Necessita-se e pode ser dada uma química das representações e sentimentos morais, religiosos, estéticos, culturais, sociais, e do homem consigo mesmo. O filosofar histórico não pretende a coisa em si ou as verdades absolutas. O filosofar histórico possui uma estima pelas verdades despretensiosas e localizadas.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Filosofia Histórica. Metafísica.

**ABSTRACT:** The historical philosophy comes in "Human, All Too Human" (Friedrich Nietzsche), as another answer to the question: how one thing can arise from its opposite? For the metaphysical philosophy, the origin of things is miraculous: what to look for is the thing itself. The historical philosophy states that the thing itself is not given and does not need the metaphysical miracle because there are no opposites. Need up and can be given a chemical representations and moral sentiments, religious, aesthetic, cultural, social, and man himself. The historical philosophy does not intend the thing itself or absolute truths. The historical philosophizing an esteem for unpretentious and located truths.

**Keywords:** Nietzsche. Historical Philosophy. Metaphysics.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado “*Sobre a filosofia histórica em Friedrich Nietzsche: da química das representações e sentimentos à estima das verdades despretensiosas*”, tem como objetivos: 1. Analisar comparativamente a perspectiva da filosofia histórica em face da filosofia metafísica; 2. Relacionar a química das representações e sentimentos à ideia de estima das verdades despretensiosas; 3. Identificar algumas implicações da noção de filosofia

---

<sup>1</sup>Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: andrediogomusico@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora Mestre do Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ellencarolinev@gmail.com

histórica nas diversas áreas da filosofia e do conhecimento. A metodologia utilizada consistiu em uma abordagem hermenêutica com método de procedimento histórico-filológico.

A filosofia histórica surge em “*Humano, Demasiado Humano*” (Friedrich Nietzsche), como outra resposta à questão: como uma coisa pode surgir de seu oposto? Para a filosofia metafísica, a origem das coisas é miraculosa: o que se deve buscar é a coisa em si. A filosofia histórica afirma que a coisa em si não é dada e que não se precisa do milagre metafísico, pois não há opostos. Necessita-se e pode ser dada uma química das representações e sentimentos morais, religiosos, estéticos, culturais, sociais, e do homem consigo mesmo. O filosofar histórico não pretende a coisa em si ou as verdades absolutas. O filosofar histórico possui uma estima pelas verdades desprentensiosas e localizadas.

### **FILOSOFIA HISTÓRICA: QUÍMICA DAS REPRESENTAÇÕES E VERDADES DESPRENTENSIOSAS**

Em quase todos os pontos, os problemas filosóficos são novamente formulados tal como dois mil anos atrás: como pode algo se originar do seu oposto [...]? Até o momento, a filosofia metafísica superou essa dificuldade negando a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais alto valor uma origem miraculosa, diretamente do âmago e da essência da "coisa em si". Já a filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos, constatou, em certos casos (e provavelmente chegará ao mesmo resultado em todos eles), que não há opostos, salvo no exagero habitual da concepção popular ou metafísica, e que na base dessa contraposição está um erro da razão: conforme sua explicação, a rigor, não existe ação altruísta nem contemplação totalmente desinteressada; ambas são apenas sublimações, em que o elemento básico parece ter se volatilizado e somente se revela à observação mais aguda. - Tudo o que necessitamos, e que somente agora nos pode ser dado, graças ao nível atual de cada ciência, é uma *química* das representações e sentimentos morais, religiosos e estéticos, assim como de todas as emoções que experimentamos nas grandes e pequenas relações da cultura e da sociedade e mesmo na solidão [...] A humanidade gosta de afastar da mente as questões acerca da origem e dos primórdios [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 15)

A filosofia metafísica defende a existência dos opostos, justificando que o surgimento destes se deve a um milagre ou, em outros termos, devido à essência e à coisa em si. Diferentemente da metafísica, a filosofia histórica afirma a não

existência dos opostos: afirma, sim, a existência da transição e da tensão<sup>3</sup>. A filosofia histórica é semelhante à ciência<sup>4</sup> natural, por possuírem ambas, caráter científico (NIETZSCHE, 2005, p. 15). Através da filosofia histórica, chegou-se à seguinte constatação:

*Hábito das oposições.* — A imprecisa observação geral enxerga em toda a natureza oposições (“quente e frio”, por exemplo), onde não há oposições, mas apenas diferenças de grau. Esse mau hábito nos induziu a querer entender e decompor segundo essas oposições também a natureza interior, o mundo ético-espiritual. Não há ideia de quanta dor, presunção, dureza, alienação e frieza foi incorporada à sensibilidade humana, ao se acreditar ver oposições, em vez de transições. (NIETZSCHE, 2008, p. 201)

Não há a oposição metafísica entre quente e frio, o que há é apenas variação ou transição de temperatura. A explicação para o quente e o frio, em vez de vir, metaforicamente, de deus da água e de um deus do fogo que na origem dos tempos travaram uma batalha, vem da observação científica: a temperatura é o que existe, realmente. Doravante, em Nietzsche, as explicações da filosofia histórica, que encontraria outra explicação em vez da oposição (tal como se viu no exemplo da temperatura), ganham força em relação à filosofia metafísica. A dialética ainda está dentro da crença metafísica em opostos. Nietzsche afirma: “A antítese é a porta estreita que o erro mais gosta de usar para se introduzir na verdade.” (NIETZSCHE, 2005, p. 124). A metafísica tem origem na crença que os homens primordiais tinham, durante seus sonhos, de um segundo mundo real (NIETZSCHE, 2005, p. 18). As explicações que a metafísica dá para a natureza são tais como as interpretações que a Igreja realiza sobre a Bíblia – através de uma inspiração divina. A análise filológica da Bíblia seria um exemplo de uma interpretação mais científica, e não pneumática (de *pneuma*, o sopro, o sopro divino, o santo) (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Além disto, toda a conclusão sobre o fenômeno a partir da coisa em si, o que é feito pela metafísica, foi provada pela ciência como errônea. Nenhum fenômeno é fixo; cada fenômeno veio a ser. A coisa em si é vazia de significado: foi o que mostrou o novo conhecimento (ciência) (NIETZSCHE, 2005, p. 25-6).

<sup>3</sup>A tensão dos antagonismos. Cf.: BRUSOTTI, 2011.

<sup>4</sup>Para Nietzsche, a verdadeira ciência é a imitação da natureza em conceitos (NIETZSCHE, 2005, p. 44).

Filosofia histórica, enquanto negadora da existência de opostos, conota também uma forma de ciência. Por isto se fala em uma “química das representações e sentimentos morais, religiosos, estéticos” (NIETZSCHE, 2005, p. 15), química enquanto ciência que estuda as transformações da matéria: assim, investigam-se as transformações que a moral, a religião, a arte, a política, a ciência, a filosofia, apresentaram ao longo do tempo. Através da filosofia histórica, também se verifica que não há fatos ou verdades eternas. Tudo veio a ser; os filósofos necessitam, assim, possuir sentido histórico em suas obras. A arrogância metafísica de buscar verdades absolutas, universais, é substituída por uma nova virtude: a virtude da modéstia (NIETZSCHE, 2005, p. 16). A modéstia está, primeiramente, em reconhecer que nós mesmos não somos obras nossa: não somos responsáveis pelos nossos sucessos (ou fracassos) (NIETZSCHE, 2005, p. 252). Ou, também, modéstia pode significar uma falta de ambição. Se se comparar as promessas da ciência com as promessas da religião, talvez se consiga identificar a modéstia neste último sentido: enquanto a religião promete uma vida sem dor e uma vida eterna, a ciência promete o mínimo de dor possível e uma vida que seja a mais longa possível (NIETZSCHE, 2005, p. 92).

Em geral, no âmbito do conhecimento, cada filosofia (filosofias metafísicas) atribui a maior utilidade ao conhecimento: não existe nada mais importante para a vida; procura-se algo que tenha uma importância. Enquanto isto, com a ciência, procura-se simplesmente o conhecimento, não sendo muito importante qual a consequência que a posse daquele trará (NIETZSCHE, 2005, p. 18-19). Uma utilidade (em sentido positivo) encontrada no conhecimento é o prazer que ele proporciona. Por se adquirir a consciência da própria força, por se ultrapassar antigas ideias e, por último, por se sentir acima dos outros, é que é encontrado prazer no conhecimento (NIETZSCHE, 2005, p. 159). Através de um método rigoroso, que orienta a filosofia histórica, encontram-se as pequenas verdades, as verdades despretensiosas. O espírito científico possui uma estima pelas verdades despretensiosas (NIETZSCHE, 2005, p. 16-7). A ciência filosófica é libertadora.

Ela liberta, por exemplo, das necessidades criadas pela filosofia metafísica ou pela religião cristã, que tem aquela como fundamento. A ciência filosófica consegue fazer tal libertação pois as necessidades criadas são

aprendidas e limitadas no tempo (NIETZSCHE, 2005, p. 34-5) Além disto, o homem do pensamento científico não é o das convicções (a crença de estar em posse da verdade absoluta) (NIETZSCHE, 2005, p. 266). Enquanto os metafísicos e os religiosos atribuem a aquilo que ainda não foi explicado a qualidade de inexplicável, sobrenatural, miraculoso, o homem científico apenas o qualifica como, simplesmente, inexplicado (NIETZSCHE, 2005, p. 97). O espírito libertado pela ciência filosófica ou pela filosofia histórica é o espírito livre. Mesmo assim, há dois hábitos ruins de raciocínio que o espírito livre ainda tentaria se livrar: 1. Se uma coisa existe e se mantém, então ela é legítima e justa. 2. Se uma opinião faz algo ou alguém feliz, então ela é verdadeira (NIETZSCHE, 2005, p. 36). Um homem livre dos grilhões da vida, tais como o “dever”, os costumes, as tradições e a inverdade, tem como meta em sua vida a vontade de conhecer mais, renunciando, a partir desta meta, a muitas coisas que tem grande valor para a maioria dos homens (NIETZSCHE, 2005, p. 39-40).

### **IMPLICAÇÕES DA FILOSOFIA HISTÓRICA NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO**

Como foi citado anteriormente, através da filosofia histórica, realizar-se-ia uma:

[...] *química* das representações e sentimentos morais, religiosos e estéticos, assim como de todas as emoções que experimentamos nas grandes e pequenas relações da cultura e da sociedade e mesmo na solidão [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 15)

Nesse trecho, todos os posteriores capítulos de *Humano, demasiado humano* (NIETZSCHE, 2005) estão incluídos: desde “Contribuição à história dos sentimentos morais” a “O homem a só consigo”. Sendo assim, tentar-se-á identificar, através da referida, implicações que a noção de filosofia histórica realiza sobre as diversas áreas do conhecimento. Primeiramente, percebe-se que a história dos sentimentos morais tem alguns estágios. Primeiro: as ações isoladas são denominadas boas ou más. Segundo: esquece-se que elas foram denominadas, e acredita-se que os adjetivos “bom” ou “mau” são intrínsecos às ações. Terceiro: os motivos daquelas ações são chamados de bons ou maus. Quarto: o predicado bom ou mau é dado a todo o ser que cometeu a ação. Quinto: torna-se o homem responsável pelos efeitos das ações que cometeu,

depois pelas ações, depois pelos motivos daquelas ações e, por último, pelo o seu próprio ser. Entretanto, o homem não pode ser responsável pelo seu próprio ser pois é consequência de elementos passados e presentes. O erro da responsabilidade baseia-se no erro do livre-arbítrio (NIETZSCHE, 2005, p. 45).

A respeito da vida religiosa, verifica-se com a filosofia histórica em que contexto aquela se originou. Nos tempos da humanidade primitiva, as leis da natureza eram totalmente desconhecidas. Podia chover ou não. Não existia algo como a causalidade natural (NIETZSCHE, 2005, p. 83). Foi neste tempo que o culto religioso teve origem, utilizando-se do mistério e do desconhecimento que havia sobre a natureza. A química dos sentimentos estéticos tem as mesmas consequências que aquilo que Nietzsche também fala enquanto “ciência da arte”. Para Nietzsche, o artista pretende que sua obra participe da ideia da perfeição<sup>5</sup>; diante do que parece perfeito, acredita-se que a questão do vir a ser não existe, afirmando-se apenas uma origem milagrosa para aquela perfeição. A ciência da arte alerta que, por mais que a obra seja a mais bela possível, ela veio a ser, de alguma forma (NIETZSCHE, 2005, p. 107). Além da crença na perfeição, e não no vir a ser, a ciência da arte também verifica que muitos artistas acreditaram em erros religiosos e filosóficos do passado da humanidade (NIETZSCHE, 2005, p. 136). É a ciência que aponta estes erros: enquanto aqueles artistas acreditavam que estes erros eram verdades absolutas. Por isto Nietzsche afirma: “O homem científico é a continuação do homem artístico” (NIETZSCHE, 2005, p. 141).

Em se tratando de questões da cultura, a filosofia histórica desenvolvida por Nietzsche constata a existência da cultura superior e da cultura inferior: ou, de outra maneira, da cultura forte e da cultura fraca; ou, ainda, do espírito cativo e do espírito livre<sup>6</sup>. Enquanto o espírito cativo é aquele que possui ligações (com a moral, com a tradição, com a cultura, com outras pessoas, etc.),

---

<sup>5</sup> Além da perfeição, a ideia de grandeza (de espírito) também pode ser analisada através da questão do vir a ser: “Grandeza significa: dar direção. — Nenhum rio é por si mesmo grande e abundante; é o fato de receber e levar adiante muitos afluentes que o torna assim. O mesmo sucede com todas as grandezas do espírito. Interessa apenas que um homem dê a direção que os muitos afluentes devem seguir; e não que ele inicialmente seja pobre ou rico em dons.” (NIETZSCHE, 2005, p. 243)

<sup>6</sup> O espírito livre também pode ser compreendido pela metáfora do andarilho. O andarilho é aquele que se dirige sem uma meta: ele alcançou a liberdade da razão. Ele não está preso a nada em particular: por isto adora a mudança. O andarilho sofrerá com noite ruins, mas depois que o sol nascer, virão momentos luminosos e felizes para ele (NIETZSCHE, 2005, p. 271-2).

o espírito livre pensa de modo diverso em relação ao que predomina no seu tempo e na sua cultura. O espírito livre é a exceção da regra, criada e seguida pelo espírito cativo. Os espíritos livres querem estar em posse da verdade: mesmo que, por exemplo, tenham que abdicar da moralidade (NIETZSCHE, 2005, p. 143-144). O espírito livre está para a filosofia histórica (por isto exige razões), como o espírito cativo está para a filosofia metafísica (o espírito cativo exige a fé). E é da fé dos espíritos cativos que os Estados e as ordens da sociedade adquirem força. O espírito cativo tem fé que aquilo que o Estado lhe promete como um bem realmente o será: e assim o toma por verdadeiro (NIETZSCHE, 2005, p. 145). A fé dos espíritos cativos “justifica” as seguintes coisas:

*Medida das coisas nos espíritos cativos.* — Há quatro espécies de coisas que, dizem os espíritos cativos, são justificadas. Primeiro: todas as coisas que duram são justificadas; segundo: todas as coisas que não nos importunam são justificadas; terceiro: todas as coisas que nos trazem vantagem são justificadas; quarto: todas as coisas que nos custaram sacrifícios são justificadas. (NIETZSCHE, 2005, p. 146)

Assim, as razões que o espírito cativo constrói para a justificação das coisas estão na duração da coisa, no não aborrecimento desta, na sua utilidade e no sacrifício que se fez por aquela coisa. O espírito livre é fraco, débil, perante aquele que tem a tradição junto consigo, ou seja, o espírito cativo, pois este já tem um caminho determinado a seguir, enquanto o espírito livre ainda está inseguro em qual dos diversos caminhos que conseguiu perceber irá trilhar (NIETZSCHE, 2005, p. 147). O espírito livre é fraco e o cativo, o forte. Com relação às ações do homem em sociedade, a presunção destaca-se como elemento de rebaixamento daquelas ações. Todas as belas coisas que os homens fazem, tornam-se repugnantes ao serem feitas com presunção: seja o respeito, a amizade, a confissão, etc. A presunção está no querer significar mais do que se é (NIETZSCHE, 2005, p. 195). No auge da idade da presunção, que ocorre próximo aos trinta anos, cria-se um desgosto por ser tanto e parecer tão pouco aos outros. Quando, ao se começa a parecer mais, a crença de ser muito, antes forte, começa a diminuir (NIETZSCHE, 2005, p. 255). No capítulo sete de Humano, Demasiado Humano (NIETZSCHE, 2005), Nietzsche irá analisar não

as relações dos homens<sup>7</sup> em sociedade, mas sim as das mulheres. A mulher está ligada às relações sociais e, portanto, ela é um espírito cativo (contrário ao espírito livre). Outra diferença da mulher em relação ao espírito livre é constituída pelo tema da felicidade: enquanto o espírito livre fica feliz em não ser servido, a mulher se alegra em servir (NIETZSCHE, 2005, p. 211). Nas relações do homem em sociedade, para Nietzsche, é necessário manter uma certa distância daquele com a qual se relaciona, para que aquilo que este tem de mais precioso seja preservado.

*Próximo demais.* — Se vivemos próximos demais a uma pessoa, é como se repetidamente tocássemos uma boa gravura com os dedos nus: um dia teremos nas mãos um sujo pedaço de papel, e nada além disso. Também a alma de uma pessoa, ao ser continuamente tocada, acaba se desgastando; ao menos assim ela nos parece afinal — nós nunca mais vemos seu desenho e sua beleza originais. — Sempre se perde no relacionamento íntimo demais com mulheres e amigos; às vezes se perde a pérola de sua própria vida. (NIETZSCHE, 2005, p. 210).

Uma possível consequência política da noção de filosofia histórica, estaria no desaparecimento da subordinação perante o Estado. A crença na autoridade absoluta, que fundamenta a subordinação no Estado, tem como base a crença na verdade definitiva. Se esta desaparece (através da filosofia científica), então a subordinação também será desvalorizada (NIETZSCHE, 2005, p. 216). A filosofia histórica pode também influenciar na construção de asserções sobre os sistemas de governo, e não apenas de comportamentos dentro do Estado (tal como fora a subordinação). A análise seguinte do socialismo, por exemplo, é realizada a partir da filosofia histórica:

*O socialismo em vista de seus meios.* — O socialismo é o visionário irmão mais novo do quase extinto despotismo, do qual quer ser herdeiro; seus esforços, portanto, são reacionários no sentido mais profundo. Pois ele deseja uma plenitude de poder estatal como até hoje somente o despotismo teve, e até mesmo supera o que houve no passado, por aspirar ao aniquilamento formal do indivíduo [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 231).

---

<sup>7</sup> Homens nesse contexto se refere àquelas pessoas do sexo masculino, e não homens no sentido geral de seres humanos. Com referência ao primeiro sentido, Sócrates, segundo Nietzsche, foi um exemplo de espírito livre. Cf. NIETZSCHE, 2005, p. 211.

Na esfera do homem consigo mesmo e da psicologia, a filosofia científica também provoca consequências, tal como na formação da identidade. Segundo Nietzsche, há uma confusão entre causa e efeito (confusão que a filosofia histórica procurará resolver) na busca daqueles que procuram princípios e teorias que se adequem e pareçam criar o temperamento deles. Na verdade é o caráter que determina aqueles princípios, e não o contrário: assim diz a filosofia histórica (NIETZSCHE, 2005, p. 257). Em um desdobramento desta consequência (formação do Eu, da consciência, da identidade), a filosofia metafísica quis estabelecer o Eu como algo fixo e eterno. Através de senso histórico, entretanto, aquele estabelecimento pode cair por terra. Comumente, com base na metafísica, é denominado de espírito filosófico aquele que alcança uma única visão sobre as coisas; entretanto, cada coisa traz uma maneira própria de ser vista, o que sugere que seria mais interessante não realizar aquela uniformização: como consequência, observar-se-ia a si mesmo como algo instável e não fixo (NIETZSCHE, 2005, p. 261). Entretanto, depois de observar diversas implicações da filosofia histórica em relação às diversas áreas do conhecimento, talvez se possa afirmar que a maior implicação que aquele novo tipo de conhecimento oferece é uma nova significação para a vida:

*Avante.* — Assim, avante no caminho da sabedoria, com um bom passo, com firme confiança! Seja você como for, seja sua própria fonte de experiência! Livre-se do desgosto com seu ser, perdoe a seu próprio Eu, pois de toda forma você tem em si uma escada com cem degraus, pelos quais pode ascender ao conhecimento. [...] Não menospreze ter sido religioso; investigue plenamente como teve um genuíno acesso à arte. [...] É preciso ter amado a religião e a arte como a mãe e a nutriz — de outro modo não é possível se tornar sábio. [...] Igualmente você deve familiarizar-se com a história e o cauteloso jogo dos pratos da balança: "de um lado — de outro lado". [...] Está em suas mãos fazer com que tudo o que viveu — tentativas, falsos começos, equívocos, ilusões, paixões, seu amor e sua esperança — reduza-se inteiramente a seu objetivo. Este objetivo é tornar-se você mesmo uma cadeia necessária de anéis da cultura, e desta necessidade inferir a necessidade na marcha da cultura em geral. Quando o seu olhar tiver se tornado forte o bastante para ver o fundo, na escura fonte de seu ser e de seus conhecimentos, talvez também se tornem visíveis para você, no espelho dele, as distantes constelações das culturas vindouras. Você acha que uma vida como essa, com tal objetivo, seria árdua demais, despida de coisas agradáveis? Então não aprendeu ainda que não há mel mais doce que o do conhecimento [...] a mesma vida que tem seu auge na velhice tem seu auge na sabedoria, no suave fulgor solar de uma constante alegria de

espírito; ambas, a velhice e a sabedoria, você as encontra na mesma encosta da vida, assim quis a natureza. Então é chegado o momento, e não há por que se enraivecer de que a névoa da morte se aproxime. Em direção à luz — o seu último movimento; um grito jubiloso de conhecimento — o seu último som. (NIETZSCHE, 2005, p. 179-180)

A justificação para a vida, doravante, está na busca pelo conhecimento!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia histórica, aqui trabalhada com a ideia de química das representações e sentimentos e com a noção de estima das verdades despreziosas, mostrou-se uma nova forma de abordar o problema do conhecimento, diferentemente da visão da filosofia metafísica. Enquanto a filosofia metafísica defende a existência de opostos (e da origem miraculosa destes), da coisa em si e de verdades eternas, a filosofia histórica (ou filosofia científica) trata da ideia de transições (em vez de opostos), do vir a ser e da estima das verdades despreziosas (que fazem frente às verdades universais). O espírito liberto pela filosofia da histórica da filosofia metafísica é o espírito livre. Posteriormente, verificou-se algumas implicações da filosofia histórica em certas áreas do conhecimento humano, tais como: moral, religião, estética, cultura, sociedade, política, psicologia. Conseguiu-se ainda perceber que, em *Humano, demasiado humano*, uma nova justificação para a vida é formulada, com o conhecimento como elemento justificador. Dessa forma, as verdades localizadas obtidas provisoriamente pela filosofia histórica resultam por determinar uma rediscussão dos modos de pensar e do significado da filosofia da Antiguidade Clássica até meados do século XIX, possibilitando diversos outros caminhos para a Filosofia Contemporânea subsequente ao pensamento nietzschiano.

## REFERÊNCIAS

BRUSOTTI, Marco. Tensão: um conceito para o grande e para o pequeno. Tradução de Rogério Lopes. **Dissertatio**, Pelotas, RS, n. 33, p. 35-62, inverno de 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Volume II. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.